

Mineração e Metalurgia



ÁREA DE OPERAÇÕES INDUSTRIAIS 2

Gerência Setorial 3

Crise na Siderurgia Mundial: A Visão da OCDE

Introdução

O Brasil é o único país não pertencente ao grupo dos 29 países mais desenvolvidos que integram a OCDE – Organização de Cooperação e Desenvolvimento Econômico¹, a fazer parte do Comitê do Aço da OCDE. O país foi convidado a participar do comitê a partir de 1996, face a sua importância no mercado siderúrgico como 7º maior produtor mundial.

A 53ª Reunião do Comitê do Aço da OCDE realizou-se em novembro último, em Paris, cabendo ao BNDES, como representante do Ministério do Planejamento e Orçamento, a representação oficial do Brasil. O IBS - Instituto Brasileiro da Siderurgia também se fez representar na citada reunião, a qual enfatizou a grave situação que atualmente atinge a siderurgia internacional.

Mercado Mundial

O setor siderúrgico mundial vem sendo fortemente impactado pela crise econômico-financeira que se iniciou nos países do sudeste asiático, depois se aprofundou na Rússia e em outros integrantes da NIS – Novos Países Independentes, e atualmente ameaça países emergentes, principalmente da América Latina, entre eles o Brasil.

O cenário da siderurgia internacional é de superoferta, com retração da demanda global e queda acentuada de preços, sendo um dos primeiros setores a ser mais fortemente atingido pela crise mundial.

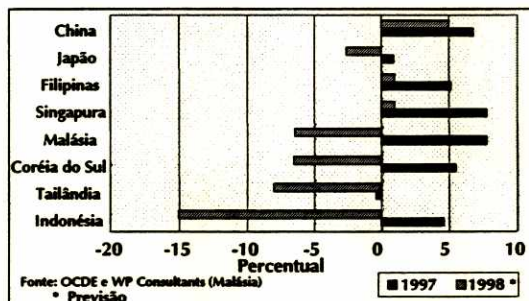
Os preços médios dos produtos siderúrgicos no mercado internacional já caíram cerca de 30% neste ano, sendo que a OCDE também estima queda de 2%, em relação a 1997, no consumo mundial, que deve se restringir a 675,3 milhões de t. A produção global também deve se reduzir de acordo com a mesma taxa, atingindo 778,2 milhões de t de aço.

¹ Áustria, Austrália, Alemanha, Bélgica, Holanda, Luxemburgo, Canadá, Coreia, Dinamarca, Espanha, Estados Unidos, Finlândia, França, Grécia, Hungria, Itália, Irlanda, Islândia, Japão, México, Noruega, Nova Zelândia, Polónia, Portugal, República Tcheca, Reino Unido, Suécia, Suíça e Turquia.

Sudeste Asiático

A Ásia tem um papel crucial no mercado siderúrgico, tendo sido responsável, em 1997, por 45% do consumo mundial e 33% das importações globais de aço. A crise financeira que assola a região gerou queda brusca da atividade industrial, com drástica redução dos produtos internos brutos, à exceção da China.

Ásia - Crescimento do PIB 1997/1998 *



Estes países, premidos pelo colapso de suas demandas internas de aço e com suas moedas desvalorizadas, vêm colocando produtos siderúrgicos no mercado internacional a preços reduzidos.

O consumo de aço da região, que atingiu 310,8 milhões de t em 1997, deve declinar para 282,8 milhões de t em 1998 com queda de 9% em relação a 1997. As exportações dos países asiáticos representavam 20% do total mundial em 1997 no montante de 48,8 milhões de t. Destas, 45% ou 22,2 milhões de t foram realizadas pelo Japão e destinadas aos países asiáticos no montante de 17,6 milhões de t, sendo 3,5 milhões de t para a Coreia, 2,7 milhões de t para a China e 2,4 milhões de t para Taiwan, entre outros.

Para 1998 os dados preliminares indicam crescimento de 12,3% nas exportações, que devem atingir 54,8 milhões de t. Considerando a retração das economias asiáticas, o Japão, como principal exportador, vem direcionando suas exportações para fora da região, especialmente para a União Européia e os Estados Unidos.

A crise financeira internacional impacta fortemente o setor siderúrgico



A Ásia respondia por cerca de 33% das importações mundiais em 1997 no montante de 78,7 milhões de t, destacando-se aquelas realizadas por Taiwan, China e Tailândia, representando 45% da região. Para 1998 estima-se um declínio para 60,9 milhões de t importadas, com queda de 22,6%, passando a Ásia a representar 26% das importações mundiais estimadas em 235 milhões de t.

Dos países asiáticos, destaca-se a China que, a partir de 1996, tornou-se o maior produtor mundial de aço, sobrepujando o Japão e apresentando situação de crescimento dentro do cenário recessivo da região. Para 1998 prevê-se crescimento de 3,7% na demanda interna de aço da China, que deverá atingir 107,3 milhões de t.

Consumo e Comércio de Aço de Países Asiáticos - 1997/99

Milhões t

Países	1997	1998	% cresc.	1999	% cresc.
China					
Consumo	103,5	107,3	3,7	113,6	5,9
Exportações	5,3	3,3	(37,7)	4,3	30,3
Importações	12,8	11,4	(10,9)	14,0	22,8
Japão					
Consumo	82,1	72,3	(11,9)	74,8	3,5
Exportações	22,2	28,0	26,1	20,0	(28,6)
Importações	6,0	5,0	(16,7)	5,0	0
Coréia					
Consumo	38,1	25,5	(33,0)	26,7	4,7
Exportações	11,3	15,0	32,7	12,0	(20,0)
Importações	6,9	2,5	(63,8)	5,0	100
Taiwan					
Consumo	21,0	20,4	(2,9)	21,6	5,9
Exportações	3,0	2,5	(16,7)	3,0	20,0
Importações	13,0	12,0	(7,7)	13,0	8,3
Outros					
Consumo	66,1	57,3	(13,3)	57,7	0,7
Exportações	7,0	6,0	(14,3)	7,0	16,7
Importações	40,0	30,0	(25,0)	30,0	0
Consumo Total	310,8	282,8	(9,0)	294,4	4,1
Exportações Totais	48,8	54,8	12,3	46,3	(15,5)
Importações Totais	78,7	60,9	(22,6)	67,0	10,0

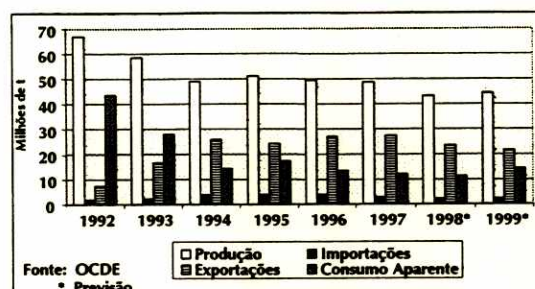
Fonte: IISI, OCDE e BNDES estimativa 1998/99

NIS – Novos Países Independentes

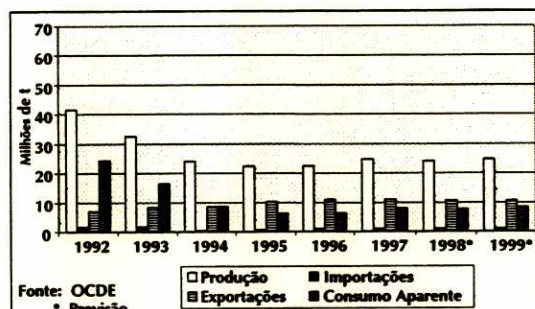
A grave crise econômica financeira que assola Rússia e demais países da NIS vem deteriorando a indústria siderúrgica da região, com reflexos negativos no mercado internacional de aço.

Rússia e Ucrânia, apesar de estarem operando a metade de suas capacidades instaladas, com reduções gradativas de produção desde 1992, detêm atualmente o 1º e 3º lugar, respectivamente, como maiores exportadores líquidos mundiais. O Japão ocupa a 2ª colocação e o Brasil a 4ª, com papel de destaque no comércio internacional de aço.

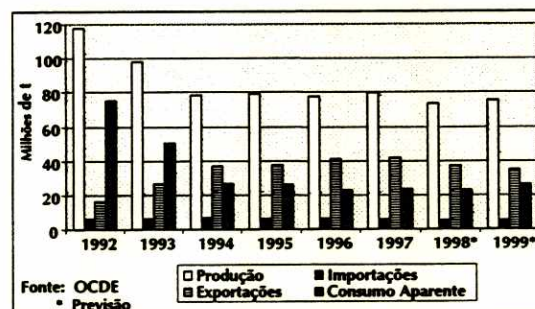
Mercado de Aço da Rússia 1992/1999 *



Mercado de Aço da Ucrânia 1992/1999 *



Mercado de Aço Total da NIS 1992/1999 *



Observa-se o colapso do consumo de aço dos países da NIS, com queda de 70% em relação ao consumo em 1992. Deste modo, estes países, premidos pelas dificuldades financeiras, já colocam no mercado externo metade de sua produção.

Considere-se, também, que os preços praticados nas exportações são reduzidos devido à necessidade de exportar, aos precários métodos de alocação de custos e a maior ênfase em produzir em detrimento de lucro.

Os problemas da indústria siderúrgica da região são agravados pela obsolescência do parque industrial, pela falta de recursos para investimento em modernização e meio ambiente e pela dificuldade na implantação

de programas de racionalização e reestruturação na indústria, devido aos aspectos sociais.

A siderurgia da Rússia emprega 680 mil pessoas e a da Ucrânia 480 mil. Note-se que a Ucrânia emprega quase 7 vezes mais trabalhadores que o Brasil, para o mesmo nível de produção. A média da siderurgia nos países da OCDE é de 4,1 homem-hora/t de aço enquanto nestes países o índice atinge 19,5 homem-hora/t. O Brasil já alcança 4,3 homem-hora/t, dentro do padrão dos países desenvolvidos.

Portanto, esta questão social, com falta de alternativas de emprego, também influi na política de exportações destes países. Os baixos preços praticados nas exportações vêm motivando ações contra Rússia e Ucrânia, por parte de mais de 30 países, de acordo com as leis do comércio internacional.

Visão da OCDE para 1998/99

De acordo com a OCDE, o comportamento do mercado mundial siderúrgico em 1998, em relação ao ano anterior, é assim explicitado:

Consumo Mundial

- Global: declínio de cerca de 2%
- OCDE: queda de somente 0,2%
- Ásia: a maior queda, de cerca de 9%
- China: crescimento de 3,7%
- NIS: queda de 7%
- Outras áreas: ligeiro aumento

Produção Mundial

- Global: declínio de cerca de 2%
- OCDE: queda de 1,7%
- Ásia: queda de 10,4%
- China: crescimento de 3,8%
- NIS: queda de 10%
- Outras áreas: ligeiro declínio

Comércio Internacional

- Exportações
 - Globais: queda de 5,6%
 - OCDE: crescimento de 5,3%
 - Ásia: crescimento de 12,3%
 - China: queda de 37,7%
 - NIS: queda de 11%
- Importações
 - OCDE: crescimento de 14,5%
 - Ásia: queda de 22,6%
 - China: queda de 10,9%
 - NIS: queda de 0,9%

Observa-se também, a nível mundial, aumento da capacidade ociosa na produção de aço, em função da elevação da capacidade de produção com a conclusão de

diversos projetos, aliado ao declínio da produção global. Prevê-se também aumento dos estoques, redução do nível de emprego no setor e preços em queda.

O comércio internacional de produtos siderúrgicos apresentou crescimento considerável no período 1990/94, decrescendo no triênio 1995/97 (excluindo as transações dentro da União Européia), considerados os grandes investimentos por parte dos países tradicionalmente importadores como China, Coreia, Índia e outros asiáticos.

Em 1997 o comércio internacional representou 36% do consumo global, estimando-se que em 1998 ocorra uma queda nesta relação para em torno de 34%, considerando que as transações mundiais atinjam 235 milhões de t.

Para 1999 estima-se que o mercado mundial de aço permaneça desaquecido, com queda de demanda nos Estados Unidos e União Européia. Também na NIS a demanda deve continuar a se reduzir. Para a Ásia a perspectiva é de que possa haver uma retomada até o final de 1999 ou no ano 2000. Os preços devem continuar sua trajetória descendente e o comércio internacional deve declinar cerca de 8%. O menor nível de transações mundiais é função não só da redução do consumo dos países da OCDE, exigindo menores importações como também da intensificação das medidas protecionistas.

O aumento significativo das exportações em 1988 para os Estados Unidos, União Européia e também América do Sul provocou nova onda de protecionismo no setor siderúrgico.

Cabe citar as investigações atualmente em curso pelos Estados Unidos, relativas à venda de laminados planos a quente por parte da Rússia, do Japão e do Brasil. As ações foram motivadas por denúncias de práticas desleais de comércio por parte de empresas siderúrgicas americanas ao Departamento de Comércio. Propõe-se a aplicação de sobretaxas nas importações da Rússia e do Japão pela prática de preços baixos, e no caso do Brasil os direitos compensatórios referem-se às acusações de subsídios governamentais às empresas antes de suas privatizações, o que é bastante controvertido. Na verdade as siderúrgicas brasileiras são mais competitivas que as americanas em relação aos custos de produção.

Também a Confederação Européia de Indústrias de Aço e Ferro (Eurofer) já obteve abertura de investigações contra exportações da África do Sul, Bulgária, Índia, Irã, Taiwan e Iugoslávia, podendo as ações serem estendidas a Indonésia e Coreia do Sul.

O cenário recessivo, com preços em queda, provoca onda de protecionismo no comércio internacional

Ressalte-se também as ações anti-dumping promovidas pela Argentina, a pedido da Siderar, contra importações de bobinas a quente do Brasil, Rússia e Ucrânia.

Conclusão

A siderurgia foi o primeiro setor a ser atingido pela crise internacional. Face à grave situação da siderurgia mundial, em cenário recessivo e conseqüente acirramento da competição internacional, o Comitê do Aço da OCDE frisou a necessidade de produtores e governo evitarem a escalada de conflitos comerciais, mantendo os benefícios da liberalização e respeitando as regras acordadas na Organização Mundial de Comércio.

O Comitê do Aço também concluiu pela proposta de estabelecimento de um programa de cooperação financeira e técnica com a Rússia e a Ucrânia de modo a apoiar a reestruturação da siderurgia destes países, evitando maiores danos às indústrias que atuam neste setor a nível mundial.

Observa-se, portanto, que neste contexto de crise mundial de excesso de oferta, agrava-se também a situação da siderurgia brasileira que deve conviver com restrições às exportações e retração do mercado interno.

Em função da crise asiática, o Brasil, tradicional exportador para a região, vem redirecionando suas exportações para a América Latina, América do Norte e Europa. Mas o aumento da concorrência no mercado internacional dificulta a colocação dos produtos brasileiros.

Por outro lado, o setor siderúrgico no Brasil sofre os efeitos do cenário recessivo da economia, que vem gerando retração da demanda nas indústrias de bens de consumo, com forte impacto nos setores automobilístico e de linha branca.

O segmento de aços planos é o mais afetado em função da queda das encomendas domésticas da cadeia automotiva. O segmento de produtos longos, os quais são direcionados principalmente aos setores de infra-estrutura e construção civil, são menos impactados. Estes produtos também destinam-se, preferencialmente, ao atendimento do mercado doméstico e Mercosul sendo deste modo menos afetados pela crise do comércio internacional.

Em vista do exposto, prevê-se redução do consumo aparente de aço no Brasil em 1998 e 1999, assim como redução de produção e

de exportações e aumento de importações. No período jan-set/98, a queda das exportações físicas em relação a igual período de 1997 já havia atingido 6,2% enquanto as importações subiram 28,2%.

Perspectivas para a Siderurgia Brasileira - 1997/1999

	Milhões t		
	1997	1998	1999
Produção Aço Bruto	26,2	25,8	24,9
Produtos de Aço	24,2	23,7	23,0
Importação	0,7	0,8	0,9
Exportação	9,2	8,9	8,4
Consumo Aparente	15,3	15,2	15,1

Fonte: IBS e BNDES estimativa 1998/99

As empresas estão ampliando férias de funcionários, planejando paradas ou diminuição de ritmo nos altos fornos e maior rigor na seleção de investimentos.

Neste ano de 1998, o BNDES, como principal agência de financiamento nacional do setor, já observou queda no ritmo de execução dos projetos.

Para 1999 eram previstas inversões de US\$ 2,1 bilhões de um total de US\$ 10,4 bilhões no período 1994/2000, referentes ao Programa de Modernização Tecnológica da Siderurgia Brasileira. Este valor deverá sofrer redução, de acordo com as novas tendências do setor.

Os projetos de modernização em andamento envolvendo redução de custos e aumento de qualidade não deverão ser afetados mas novos empreendimentos devem ser reestruturados à luz da conjuntura adversa dos setores siderúrgico nacional e internacional.

**Brasil
decrece
produção e
exportação de
aço face à
conjuntura
adversa dos
mercados
nacional e
internacional**

Ficha Técnica:

Maria Lúcia A. de Andrade (Gerente)
Luiz Maurício da S. Cunha (Economista)
Guilherme Tavares Gandra (Engenheiro)
Eliane F. C. de Oliveira (Estagiária)
Editoração: AO2/GESIS

Telefone: (021) 277-7184 / 277-6891

Fax: (021) 240-3504